

A importância dos jogos e brincadeiras na educação infantil

The importance of games and play in early childhood education

Cícera Gomes Bezerra¹, Everton Lucas Fernandes², José Isaul Pereira³, Bianca Silva Araujo⁴, Alcimar Tamir Vieira da Silva⁵, e Isabel Wanessa da Silva Carvalho⁶

RESUMO - Neste estudo, destaca-se a importância dos jogos e brincadeiras na Educação Infantil, trazendo como objetivo, conhecer o significado do brincar, bem como compreender o universo lúdico, onde a criança comunica-se consigo mesma e com o mundo, aceita a existência do outro, estabelece relações sociais, constrói conhecimentos, desenvolvendo-se integralmente, e ainda, os benefícios que o brincar proporciona no processo de ensino-aprendizagem infantil. O presente trabalho traz um breve estudo sobre a história e evolução da educação infantil em diversas épocas, assim como a importância para a formação do indivíduo, em seguida, procura-se apresentar os aspectos relacionados aos jogos e brincadeiras e qual a sua importância para evolução do indivíduo. Quanto à metodologia pressupõe-se de uma pesquisa bibliográfica, ou seja, o tema foi desenvolvido a partir da fundamentação teórica de alguns autores renomados que abordam a temática. Desta forma, este estudo proporcionará um olhar mais consciente acerca da importância do brincar na vida do ser humano, e, em especial na vida das crianças.

Palavras - chave: Jogos e brincadeiras; Educação Infantil; Benefícios.

ABSTRACT - In this study, the importance of games and play in Child Education stands out, bringing as an objective, to know the meaning of playing, as well as to understand the ludic universe, where the child communicates with himself and with the world, accepts the existence of on the other hand, it establishes social relationships, builds knowledge, fully developing itself, and also, the benefits that playing provides in the teaching-learning process for children. The present work brings a brief study on the history and evolution of early childhood education in different periods, as well as the importance for the formation of the individual. of the individual. As for the methodology, it is assumed that there is a bibliographic research, that is, the theme was developed from the theoretical foundation of some renowned authors who address the theme. In this way, this study will provide a more conscious look at the importance of playing in the life of the human being, and especially in the lives of children.

Key words: Games and play; Child education; Benefits.

Recebido em 02/09/2020; aceito em 09/11/2020 e publicado em 19/01/2021

¹Advogada, Graduada em Direito, História e Pedagogia, E-mail: cicinhajucas@hotmail.com.

²Graduado em Contabilidade pela Estácio, E-mail: everton1@gmail.com.

³Psicólogo residente no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Materno-Infantil da Escola Multicampi de Ciências Médicas da UFRN. E-mail: isaulpsico@hotmail.com;

⁴Psicóloga residente no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Materno-Infantil da Escola Multicampi de Ciências Médicas da UFRN. E-mail: biapsicologia80@gmail.com;

⁵Psicólogo residente no Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Básica da Escola Multicampi de Ciências Médicas da UFRN. E-mail: tamiralcimar@gmail.com;

⁶Psicóloga residente no Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Básica da Escola Multicampi de Ciências Médicas da UFRN, E-mail: isabelwscarvalho@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

O atendimento à criança de zero a cinco anos pode ser considerado não só como uma necessidade decorrente das condições de vida nos grandes centros urbanos, mas como uma realidade. As características da nossa sociedade têm imposto à necessidade das crianças frequentarem cada vez mais cedo, e num período maior de tempo, instituições de educação infantil.

Este trabalho apresenta um estudo bibliográfico relacionado à importância dos Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil, auxiliando-nos na compreensão de que a instituição responsável por esse ensino é constituída de um lugar primordial de descobertas e de aumento de experiência educativas num contexto geral do desenvolvimento dos indivíduos em questão.

A educação infantil está entre os três níveis de ensino da educação que formam a educação básica, sendo o período referente à educação infantil, na nossa concepção, o de maior importância na construção do desenvolvimento integral das crianças de 0 (zero) a 6 (seis) anos de idade. É encontrada em instituições de ensino conhecidas por creches, para crianças com até três anos de idade e pré-escolas para crianças de quatro a seis anos de idade, como preconiza a Lei nº 9394/96, conhecida como lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Entende-se por um espaço

com tempo estabelecido que busca proporcionar na criança uma visão do mundo e sua realidade dentro de um contexto sócio cultural e possibilitando a criança descobrir as suas capacidades e limites, conhecendo e valorizando seu corpo relacionando-se com outras crianças, dentro de uma atuação consciente e crítica.

Dessa forma, a educação infantil compromete-se com o processo de desenvolvimento da criança e com a formação de pessoas críticas, criativas e transformadoras de sua realidade e não somente reprodutores de ideias e gestos.

Tem-se nos jogos e brincadeiras importantes ferramentas para o desenvolvimento integral, visto que esses conteúdos proporcionam uma gama de acontecimentos e relações no seu mundo e, possibilita ainda que cada criança desenvolva suas habilidades dentro de suas particularidades, para isso, é imprescindível que o professor conduza a aprendizagem da criança.

Segundo Lorenz apud Gomes (1997), a brincadeira é um fenômeno da corporeidade humana, que não se caracteriza pela racionalidade e sim pela ludicidade, Kishimoto (2006) confirma ao dizer que a brincadeira nada mais é que a ação que a criança desempenha ao concretizar as regras dos jogos, ao mergulhar na ação lúdica.

Delorme (2004) apresenta que desde as civilizações mais antigas, dentre elas a Egípcia e a Grega, observam-se as brincadeiras que

rodeavam as ações diárias e os registros de brinquedos infantis são provenientes das diversas culturas, que remota a época pré-histórica, tornando evidente que é natural do ser humano, independentemente de sua origem e de seu tempo, a atividade se faz presente em todo o seu processo de desenvolvimento civilizatório e evolutivo.

O brincar social vai refletindo o grau em que a criança interage umas com as outras, e o brincar cognitivo possibilita o desenvolvimento mental da criança, mas para que isso aconteça, a criança precisa ter experiência concreta, motivações, desafios e situações problemas.

Desse modo, o objetivo do referido trabalho acadêmico é conhecer o significado do brincar, bem como compreender o universo lúdico, onde a criança comunica-se consigo mesma e com o mundo, aceita a existência dos outros, estabelece relações sociais, constrói conhecimentos, desenvolvendo-se integralmente.

Para tanto, esse estudo foi organizado em partes distintas, tendo a fundamentação teórica um breve estudo sobre a história e evolução da educação infantil em diversas épocas, bem como a importância para a formação do indivíduo e, em seguida, procurou-se apresentar os aspectos relacionados aos jogos e brincadeiras e qual a sua importância para evolução do indivíduo.

2. DESENVOLVIMENTO

A Educação pré-escolar tem o seu surgimento na Europa do século XVII época de grandes transformações, principalmente na economia e mais especificamente, no setor industrial. A finalidade desse tipo de educação era ter a função de assistência e guarda da criança para suprir as necessidades de liberação da mulher para o trabalho na indústria. Como esclarecem Abbramovay e Kramer (1984), as funções primordiais das instituições escolares, naquela época, era a guarda das crianças.

Já no século XIX, a pré-escola ganha novas funções, cabendo-lhe o papel de compensar as deficiências infantis, em relação à miséria, pobreza e negligência familiar. Conforme Abbramovav e Kramer (1984, p. 29), a pré-escola aparece aí como mais relacionada à educação do que a assistência. As autoras complementam:

São criados, por exemplo, os jardins da infância por Froebel, nas favelas alemãs; por Montessori nas favelas italianas; por Reabody, nas americanas etc. [...]. É válido lembrar que tal concepção de atendimento à infância só avançou após a Segunda Guerra nos Estados Unidos e Europa.

Rousseau “o grande pensador abalou os velhos costumes e defendeu a ideia de que a verdadeira finalidade da educação é ensinar a criança a viver e a aprender a exercer a liberdade” (NICOLAU, 1997, p. 26). Suas concepções de educação permanecem até os nossos dias.

O Educador Pestalozzi “influenciou profundamente a educação; foi um grande adepto da educação pública” (NICOLAU, 1997, p.28). Buscou promover na prática o desenvolvimento físico, mental e moral da criança.

Segundo Frederick Eby, “Froebel é considerado hoje o reformador educacional mais completo do século XIX” (EBY apud NICOLAU, 1997, p.31). Considerava que o desenvolvimento provém de atividades espontâneas e construtivas.

Em 1837, Froebel abriu o primeiro jardim de infância, utilizando-se de suas ideias avançadas para a época, era considerado como um revolucionário.

A Educadora Maria Montessori baseava-se rigorosamente no processo de desenvolvimento psicológico da criança. A formação médica e a experiência com crianças que apresentavam retardamento mental conduziram-na a focalizar o desenvolvimento das percepções e funções intelectuais como fins da educação.

Frederick Eby lembra que “A 1ª Guerra mundial diminuiu o ardor pelo sistema de jardim de infância e por todas as coisas alemãs” (NICOLAU, 1997, p.38).

Na Europa e por toda América surgiram, as primeiras creches, que tinham como finalidade principal, cuidar da alimentação e guarda das crianças, filhos de trabalhadores, ou seja, perde-se totalmente a

intencionalidade de educar, tendo em vista que o objetivo era cuidar delas para que suas mães pudessem trabalhar.

No Brasil, Kramer (1987) divide o histórico do atendimento à infância, em períodos assim distribuídos:

- 1500 até 1874, foram poucas as ações realmente realizadas;

- 1874 a 1899 foram elaborados muitos projetos de grupos particulares como médicos, mas com pouca realização efetiva;

1899 a 1930, são fundadas instituições e leis são promulgadas quanto à regulamentação do atendimento à infância;

- 1930 até 1980 com mudanças na sociedade brasileira que provocam um novo olhar sobre a infância.

O reconhecimento da Educação Pré-escolar ocorreu com a promulgação da Constituição Federal que em seu artigo 208, Inciso IV, determina que: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de atendimento em creche e pré-escolas, às crianças de zero a seis anos de idade”. Apesar de estar garantida na forma de lei, a educação pré-escolar vem se estabelecendo lentamente em relação à demografia infantil existente (BRASIL, 1988).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394, promulgada em dezembro de 1996, estabelece de forma convincente o vínculo entre o atendimento às crianças de zero a 6 anos e a educação.

Conclui-se que, no Brasil, a Educação Infantil constitui, hoje, um segmento importante do processo educativo. Vários fatores contribuem para essa expansão, entre os quais se destacam o avanço do conhecimento científico sobre o desenvolvimento da criança, a participação crescente da mulher na força de trabalho, a consciência social sobre o significado da infância e o reconhecimento por parte da sociedade, sobre o direito da criança à educação, em seus primeiros anos de vida.

As instituições infantis mantidas pelo poder público significou, em muitas situações, sanar as carências das crianças e de suas famílias. Os programas de creches e pré-escolas eram voltados para combater a pobreza e resolver problemas ligados à sobrevivência das crianças.

A importância da educação da criança pequena era crescente, “a concepção educacional era marcada por características assistencialistas sem considerar as questões de cidadania ligadas aos ideais de liberdade e igualdade” (BRASIL, 1998, p. 17).

A política educacional infantil aponta para a necessidade de que as creches e pré-escolas incorporem duas funções complementares, ou seja, a de educar e cuidar, complementando os cuidados e a educação realizados na família. As instituições “cumpram um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, intervindo “por meio de aprendizagens

diversificadas, realizadas em situações de interação” (BRASIL, 1998, p. 23).

A criança é vista como um ser ativo, que sente e pensa de um jeito próprio. Educar significa, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada, para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança.

Abramovay afirma que “a pré-escola tem uma função pedagógica, portanto, há um trabalho que toma a sua realidade e os conhecimentos infantis tendo como ponto de partida e os amplia” (ABRAMOVAY *apud* NICOLAU, 1995, p. 155). Assim, cada criança vive a sua realidade e as atividades propostas devem oferecer possibilidades de se desenvolver de forma integral.

O MEC frisa bem que a função “cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidade, portanto a base do cuidado humano é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano” (BRASIL 1998, p. 24). É necessário que o professor atenda às necessidades das crianças quando ouvidas e respeitadas, para que possa ajudar a criança a identificar suas necessidades de forma adequada.

Como fato novo nesse processo de educação infantil, em uma prerrogativa que, se concretizada, atinge diretamente a escola (gestores, professores, alunos) e a família, é a proposta do Ministério da Educação e Cultura,

de ampliação do ensino obrigatório, quando se determina o ingresso da criança na escola, aos 4 anos de idade. O Ministro da Educação no ano de 2008, Fernando Haddad, em entrevista ao *Jornal Gazeta do Povo*, concedida em outubro de 2008, assim se justifica:

Começou um movimento na América Latina de que a obrigatoriedade do ensino deveria ser até os 17 anos. Então apresentamos uma emenda, justificando que essa medida seria inefetiva se não houvesse o complemento da pré-escola porque ela é que garante o sucesso das crianças no ensino fundamental. Essa contraproposta foi aceita, sobretudo pelo Chile e pela Argentina. Por isso encaminhei ao presidente esse projeto.

Em relação à obrigatoriedade, sabe-se que é vigente no Brasil, apenas o que é estabelecido para o ensino fundamental, ou seja, atendendo a faixa etária de 6 a 14 anos. Mesmo assim, a maioria das escolas, já recebe na educação infantil, crianças com faixa etária entre 3 e 4 anos.

O desenvolvimento da educação se deu de maneira surpreendente nos últimos anos, não só para tornar-se mais rápida, mas também, mais eficiente e generalizada, visando à universalização do ensino como propõe a LDB 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação).

O professor não é o informador, mas o mediador do processo ensino-aprendizagem, visto que, tudo o que está presente no meio em

que a criança se insere gera aprendizagem. Atualmente com os avanços tecnológicos e a modernidade tornou-se mais acessível à criança os recursos, e estes também podem ser utilizados por ela como ferramenta e meios de aprender. Portanto, o valor da palavra do professor e o livro didático já não são tão importantes diante da explosão de informações através dos meios de comunicação (MORAN, 2000).

Os alunos têm a necessidade de sentirem estimulados, para aprender e se mostrar disciplinado, cooperando com o professor durante as aulas. Sendo que, uma das formas é fazer com que o aluno perceba no seu contexto, uma relação com o conteúdo que está sendo trabalhado em sala de aula. Através da contextualização dos conteúdos os significados passam a ser mais reais, um exemplo disso é quando conseguimos tirar a matemática da abstração e do seu lado obscuro, tornando-a concreta através de objetos e situações de exemplos práticos do dia-dia.

Piaget (1984) chama a atenção para a aprendizagem concebida como um processo de investigação pessoal no qual hipóteses são formuladas, como faz um pesquisador, que tem inspirações, que comete enganos, passa por avanços e recuos, sofre e se alegra sucessivamente. Assim, como ressalta Piaget, as aprendizagens reais não se fazem meramente copiando do quadro ou diante do simples ato de prestar atenção ao professor. O que o teórico e

biólogo explica é que a ousadia de colocar as cartilhas de lado e confrontar os alunos com a riqueza do contato simultâneo com todas as letras, qualquer palavra, frases e textos, é que, como ele coloca, de forma significativa, tem revertido os insucessos em muitas salas de aulas.

É importante perceber que, muitas vezes, a brincadeira proporciona que se trabalhe, dentro do currículo escolar, com uma maior vivacidade de situações, ampliando as possibilidades da criança aprender e construir o conhecimento.

Segundo Kishimoto (2006), pesquisadora da USP e autora de diversos livros sobre Jogos e Educação Infantil, “a criança procura o jogo como uma necessidade e não como uma distração... [...] É pelo jogo que a criança se revela. As suas inclinações boas ou más, a sua vocação, as suas habilidades, o seu caráter, tudo que ela traz latente no seu eu em formação, torna-se visível pelo jogo que executa e pelos brinquedos que ela manuseia”.

Na busca por uma definição da palavra jogo, para Brougere (1998, p. 18), vê-se que existe a relação direta com a educação, já que:

Se o jogo pode ser aprendizagem de vida, é porque coloca em movimento energias da mesma natureza das atividades concretas ou ‘reais’ reunidas sob a denominação um tanto vaga devida. O jogo não está somente ligado ao que é diversão e prazer, mas também ao cálculo, raciocínio e operação, entre outros processos.

Piaget (1998) faz referência aos jogos, como sendo essenciais na vida da criança. Como explica o teórico, de início tem-se o jogo de exercícios, ou seja, os jogos nos quais uma determinada situação é repetida apenas por prazer.

Huizinga, (1971) explica que os jogos são mais antigos que o trabalho e é fonte principal de cultura. Para compreender a importância do jogo para o desenvolvimento da civilização, o autor fez um estudo sobre suas características fundamentais. Ele coloca o jogo como uma atividade livre, que acontece de acordo com limites de tempo e em espaço próprio. Para Huizinga (1971, p. 33), o jogo perdeu seu sentido a partir do momento em que a atividade é imposta. Na sua definição de jogo, o autor coloca que:

[...] o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segunda regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana.

Brougère (1998) complementa, afirmando que “em vez de ver no jogo o lugar de desenvolvimento da cultura, é necessário ver nele simplesmente o lugar de emergência e de enriquecimento dessa cultura lúdica”.

São muitos os teóricos que apontam a falta de dinamicidade nas aulas, como um entrave para a aprendizagem dos alunos, já que o caráter estático com que, algumas vezes, o conhecimento é tratado acaba dificultando sua compreensão. Muitos estudiosos defendem a contextualização na prática docente, para tornar mais acessível ao aluno e para que ele possa assimilar com facilidade os conteúdos. Dessa forma, na educação infantil, não há maior contextualização para crianças do que os jogos, já que esses fazem parte do universo infantil, sabendo que eles possibilitam a manipulação de objetos, desenvolvimento da fala, do raciocínio, das regras e, sobretudo promovem a interação com o meio e com os outros.

Tem-se, por exemplo, Gravina e Santarosa (1998, p. 8) que fazem a seguinte colocação:

Ao longo da história os sistemas de representação do conhecimento têm caráter estático, o que muitas vezes dificulta a construção do significado, e o significante passa a ser um conjunto de símbolos ou palavras memorizadas. No que diz respeito particularmente às concretizações mentais, as novas tecnologias oferecem instâncias físicas em que a representação passa a ter caráter dinâmico, e isto tem reflexos nos processos cognitivos. Um mesmo objeto matemático passa a ter representação mutável, o dinamismo é obtido através da manipulação direta sobre as representações que se apresentam na tela do computador.

Numa análise do que afirmam os autores, o que se preconiza é a importância do “aprender fazendo”, que se determina por ações efetivas que despertem a criatividade, a motivação, o senso crítico do aluno, estabelecendo um importante elo entre aprender e prazer.

Para que seja construído um espaço de aprendizagem que possa efetivar-se plenamente, é preciso que sua realização tenha como base estimular o raciocínio criativo, incentivar habilidades para o cálculo mental e o desenvolvimento da capacidade de estimativa.

Segundo Piaget (1976) os jogos não são apenas uma forma de desafogo ou entretenimento para gastar energias das crianças, mas métodos que contribuem e enriquecem o desenvolvimento intelectual.

Segundo Vygotsky (1989), a brincadeira, o jogo, são atividades específicas da infância, em que a criança recria a realidade usando sistemas simbólicos.

Diante das palavras do autor percebe-se que tanto o jogo como a brincadeira são atividades apropriadas para as crianças. Através desses jogos e brincadeiras elas percebem sua realidade expressando o que sentem através de palavras, gestos e criando opiniões e conceitos a respeito da realidade em que vive.

Para Vygotsky (1984), o que define o brincar é a situação imaginária criada pela criança. Além disso, podemos levar em conta

que a brincadeira preenche necessidades de acordo com a idade da criança.

Ainda segundo Vygotsky (1984, p. 117):

É na brincadeira que a criança se comporta além do seu comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário. A criança vivência uma experiência no brinquedo como se ela fosse maior do que é na realidade.

Pelo exposto, observa-se que a brincadeira fornece a criança novos desafios e vivências, permitindo a ela se comportar de diferentes maneiras a qual ela é habitualmente acostumada.

Para Antunes (2009) trabalhar com jogos e com dinâmicas é uma estratégia motivadora para um ensino vivo e para uma aprendizagem cheia de significações e transferências positivas. O autor completa que utilizar jogos e dinâmicas em sala de aula não é difícil, é estimulante.

Menciona Antunes (2009, p. 153):

As crianças com dificuldades de aprendizagem não são crianças incapazes, apenas apresentam alguma dificuldade para aprender. São crianças que tem um nível de inteligência bom, não apresentam problemas de visão ou audição, são emocionalmente bem organizadas e fracassam na escola. A criança com dificuldade de aprendizagem é aquela que apresenta bloqueios na aquisição do conhecimento, na audição, na fala, leitura, raciocínio ou

habilidades matemáticas. Estas desordens são intrínsecas ao sujeito, presumidamente, devido a uma disfunção do sistema nervoso central podendo ocorrer apenas por um período na vida.

Segundo Strick e Smith (2001) as dificuldades de aprendizagem não são relacionadas a um único distúrbio, mas a variedade de problemas que podem afetar qualquer área do desenvolvimento acadêmico. Para os autores, as dificuldades são constituídas por problemas que interferem no domínio de habilidades escolares básicas.

Segundo Froebel (1887) *apud* Arce (2004) a brincadeira é a chave para nos comunicarmos e conhecermos a criança pequena. O autor ainda destaca que a brincadeira desenvolve as características humanas das crianças.

Como já citamos anteriormente, a brincadeira fornece a criança novos desafios e vivências, permitindo a ela se comportar de diferentes maneiras a qual ela é habitualmente acostumada, podendo também usar a criatividade e se imaginar dentro da brincadeira como um adulto ou uma criança menor.

De acordo com Bettelheim (1988), as crianças são capazes de enfrentar diversas dificuldades psicológicas, através da brincadeira. Elas procuram integrar experiências de dor, medo e perda. Lutam com conceitos de bem e mal, ou seja, para elas o bem sempre vence o mal, o herói é um bom moço que está sempre

preparado para proteger a vítima. As crianças repetem as experiências da sua realidade.

Desta forma, entende-se que o jogo e a brincadeira são ferramentas que propiciam um grande contato da criança com o mundo fazendo com que a mesma vivencie momentos de prazer, socialização, afetividade e lógica a partir da imaginação, interpretação e expressão do real. Percebe-se, portanto, um grande momento de construção do seu conhecimento e de sua personalidade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, conclui-se que o ato de brincar no desenvolvimento da criança é indispensável para a formação do caráter e da personalidade da pessoa; além disso, o ato de brincar pode incorporar valores morais e culturais e uma série de aspectos que ajudam a moldar sua vida, como crianças e como adultos. Brincando, a criança pode acionar seus pensamentos para resolução de problemas que lhe são importantes e significativos, e o modo como ela brinca revela o seu mundo interior.

Assim, o desenvolvimento da criança é resultado da interação de uma aprendizagem, natural e, ao mesmo tempo estimulada, que ocorre por meio da experiência adquirida no ambiente e com capacidade própria da criança, em que cada uma tem seu ritmo próprio e capacidade individuais.

É importante destacar, sobretudo, a percepção no sentido de compreender que as

atividades lúdicas fazem parte de um processo pedagógico necessário ao desenvolvimento das crianças e não são meros passatempos. Isso porque, compreendidas em sua importância, existem maiores chances que essas atividades sejam desenvolvidas com maior eficácia.

Uma das responsabilidades do educador é promover a socialização entre os alunos, auxiliando-os, dentro da sua faixa etária e potencialidades, a conviver com seus grupos, enfatizando o grupo escolar. Independentemente do nível de educação, as ações pedagógicas visam, de certa maneira, promover a boa convivência social, o conhecimento do outro e o respeito pela diferença.

O jogo, atividades lúdicas, brincadeiras, se usados adequadamente, contribuem significativamente na construção e compreensão do conhecimento, é uma atividade essencial no desenvolvimento e na aprendizagem da criança, é importante que o professor conheça cada tipo e seu objetivo, para promover um trabalho de qualidade.

A brincadeira ou o jogo somente tem validade se usado na hora certa, e essa hora é determinada pelo professor, ele é quem determina para o aluno qual o objetivo do jogo, das regras e do tempo.

A criança é um ser sociável que se relaciona com o mundo que a cerca. De acordo com sua compreensão e potencialidades, ela brinca espontaneamente e independentemente de seu ambiente e contexto. Por isso, quanto maior

o número de brincadeiras infantis inseridas nas atividades pedagógicas, maior será o desenvolvimento da criança. Mas, por isso, deve-se respeitar cada uma das fases de seu desenvolvimento, a fim de que os objetivos sejam atingidos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam e KRAMER, Sonia. O Rei está nu: um debate sobre as funções da pré-escola. **Cadernos Cedes**, São Paulo, v. 1, n. 9, p.27-38, 1984.

ANTUNES, Celso. **Jogos Para Bem Ensinar**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

_____. **Jogos para a estimulação das múltiplas Inteligências**. 8. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

ARCE, Alessandra. O jogo e o desenvolvimento na teoria da atividade e no pensamento educacional de Friedrich Froebel. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 24, n. 62, 2004.

BASTOS, N. M. G. **Introdução à Metodologia do Trabalho Acadêmico**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental –. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Resolução 196/96 de 10 de outubro de 1996**. Dispõe sobre as diretrizes e normas

regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Conselho Nacional de Saúde, Brasília, DF, 10 de out. de 1996.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 17 de agosto de 2012.

BETTELHEIM, B. **Uma vida boa para seu filho**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

BROUGÈRE, G. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, T.M. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 1998.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DELORME, Maria Inês. **Nós da Escola**. Nº 21, Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro/Multirio, 2004.

GOMES, Cleomar Ferreira. Pela porta ou pela janela? Notas etnográficas sobre aludicidade escolar. **Cadernos de Educação**. Cuiabá, Unic, v-1, p. 85-96, 1997

GRAVINA, M. A.; SANTAROSA, M. L.; A aprendizagem da matemática em ambientes informatizados. In: CONGRESSO RIBIE, 4., Brasília DF. 1998.

Anais... Brasília: Ribie, 1998.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2006.

KRAMER, Sonia. **A Política do Pré-Escolar no Brasil: A Arte do Disfarce**. 3. ed. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.

MANARIN, Maeli Sorato. **A avaliação na educação infantil: o que reflete esse processo**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC. CRICIÚMA, DEZEMBRO DE 2009.

MARCONI, M; LAKATOS, E. M.

Metodologia do trabalho científico:

procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6. ed. São Paulo-SP: Atlas, 2006.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MORAN, José. **Informática na Educação: Teoria & Prática**. Porto Alegre: UFRGS vol.3, n.1, set./2000

NICOLAU, Marieta Lúcia Machado. **A Educação Pré-Escolar**. Fundamentos e Didática. 9. ed. São Paulo: Ática, 1997.

OLIVER, Gabriella Chaves. **A importância do brincar na Educação Infantil**. Rio de Janeiro: UVA, 2012.

PIAGET, J. **A Epistemologia Genética**. São Paulo, Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, 3 ed. 1984.

_____. **Equilíbrio das Estruturas**

Cognitivas. Trad. Marion M.S. Penna. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

ROCHA, Eloisa Acires. **A Função Social das Instituições de Educação Infantil**. *Revista Conteúdo/Escola*, 2012.

STRASSACAPA, Hélio. MEC propõe obrigatoriedade da pré-escola e ensino médio. Caderno Vida e Cidadania. **Jornal Gazeta do Povo** (Ed. online). Matéria publicada em 30/10/2008. Disponível em www.portal.rpc.com.br/gazetadopovo. Acessado em 12/05/2012.

STRICK, C. e SMITH, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z** - Um guia completo para pais e educadores. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. 1989.